

UMA LUZ NO MUNDO



HUGO DE AZEVEDO

Uma  
**LUZ**  
no mundo

Copyright © 2021 Quadrante Editora

Capa  
Gabriela Haeitmann

Imagem da capa  
“San Josemaría Escrivá”, de Raúl Berzosa, óleo sobre tela.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Azevedo, Hugo de

Uma luz no mundo / Hugo de Azevedo – São Paulo : Quadrante, 2021.

ISBN: 978-65-89820-30-7

1. Escrivá de Balaguer, Josemaria, Santo, 1902-1975 2. Opus Dei - História I.  
Título.

CDD-282.092

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA  
Rua Bernardo da Veiga, 47 | Tel.: 11 3873-2270  
01252-020 - São Paulo - SP  
[www.quadrante.com.br](http://www.quadrante.com.br) | [atendimento@quadrante.com.br](mailto:atendimento@quadrante.com.br)

# Sumário

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| I. O chamamento divino     | 7   |
| II. A fundação             | 61  |
| III. Sob a tormenta        | 111 |
| IV. Por Espanha e Portugal | 163 |
| V. Em Roma                 | 213 |
| VI. Como o grão de trigo   | 255 |
| VII. Tempos conciliares    | 289 |
| VIII. A grande catequese   | 321 |
| IX. Por amor à Igreja      | 385 |
| Epílogo                    | 411 |



## I

# O chamamento divino

Quando passava por Coimbra, São Josemaria gostava de subir ao mosteiro de Santa Clara para cumprimentar, no seu túmulo de prata, a Rainha Santa, sua conterrânea: Santa Isabel de Aragão, como nós a apelidamos, ou Santa Isabel de Portugal, como é chamada na Espanha. Tinha por ela uma devoção muito familiar, nascida da sua grande fé na Comunhão dos Santos, do seu entranhado amor à terra portuguesa e do amor arraigado que devotava também à sua terra de origem.

Aragonês de nascimento por linha paterna e materna, era-o igualmente por modo de ser, simples, direto e cordial: à nobreza de temperamento acrescentava a da educação recebida de seus pais. Na verdade, tanto o pai, José Escrivá y Corzán, como a mãe, Maria de los Dolores Albás y Blanc, possuíam uma fidalguia inata, unida a profundas virtudes cristãs, bem provadas ao longo da vida de ambos.

O lar que formaram em 1898, ele com trinta anos e ela com vinte, não se distinguiu, porém, como centro de vida social; era o lar normal de uma família cristã de classe média, aberto às amizades várias que a vida ia fazendo brotar e que eles cultivavam com gosto e delicadeza, sem prejuízo da sua intimidade.

Viviam em Barbastro, pequena cidade animada pelo comércio, mas dotada de velha história, que dela fizera – como é ainda hoje – sede diocesana e centro administrativo. O pai era sócio e cogerente de uma empresa que explorava, num mesmo estabelecimento, dois ramos: a fabricação de chocolate e o comércio de fazendas. Ambos os negócios eram compensadores, e o patrimônio familiar, particularmente em terras, também era considerável. E assim, com o trabalho de dom José (para utilizarmos o tratamento comum na Espanha) e o rendimento das propriedades, a família Escrivá vivia bem.

Moravam em casa espaçosa no centro da cidade, e aí foram nascendo os cinco primeiros filhos.

Em 1899 nasceu Carmen – Maria del Carmen. Em janeiro de 1902, no dia 9, José Maria, que, por ter vindo à luz nesse dia de São Julião, se veio a chamar também Julián e, por atenção ao padrinho, Mariano.

Os dois primeiros nomes, especialmente o de José, gozavam de tradição familiar: José Maria fora o nome de um bisavô paterno, médico em Fonz; José, o do seu avô na mesma linha; José, o de seu pai; Josefa, uma tia; José Maria, um tio-avô por linha materna, bispo de Ávila em seu tempo. Como o Fundador do Opus Dei passou mais tarde a unir num só esses dois nomes por devoção à Sagrada Família, assim o fazemos desde já.

Josemaria foi batizado quatro dias depois do nascimento, a 13 de janeiro, portanto; e, poucos meses decorridos, a 23 de abril, recebeu a Confirmação. Não era raro então recebê-la tão cedo.

A proteção de Maria far-se-ia notar muito em breve sobre ele. Tem Josemaria dois anos quando adoece gravemente, sem que os médicos lhe possam dar remédio. Certa noite prognosticam-lhe a morte dentro de poucas horas. Mas os pais, que rezam intensamente pela sua cura, não desistem e recorrem ainda mais à Virgem Santíssima; e dona Dolores promete ir em peregrinação, com o marido e o filho, à ermida de Nossa Senhora de Torreciudad, nos altos penhascos que bordejam o rio Cinca, santuário relativamente distante de Barbastro, mas de grande devoção naquela região.

Nessa mesma noite os sintomas vão desaparecendo, e de manhã, quando o dr. Camps, disposto a passar a certidão de óbito, lhes bate à porta e pergunta tristemente a que horas falecera o menino, recebe uma alegre resposta: «Não só não morreu, mas está de perfeita saúde!». Entra o bom médico em casa e verifica, surpreso, que realmente o pequeno Josemaria está bem vivo, aos pulos, agarrando com energia as ripas do berço, e balbuciando com animação. «E desde então» – comentava ele, divertidamente, algumas vezes – «nunca mais me calei». Com o seu bom humor característico, referia-se com certeza ao seu temperamento comunicativo e à sua paixão por dar doutrina.

Passado algum tempo, quando Josemaria convalesce, os pais levam-no, de fato, a Torreciudad: até a povoação de El Grado, com a relativa comodidade dos meios de transporte da época; depois, ao colo da mãe, assustada, sobre a mula que os faz subir pelas escarpas montanhosas.

Aquele menino havia de mostrar a sua gratidão por tão grande favor da Virgem fazendo construir, sessenta anos mais tarde, o belo santuário que hoje se ergue junto da antiga ermida de Torreciudad.

A infância de Josemaria decorre entre Barbastro e a vila de Fonz, terra natal do pai, onde veraneia habitualmente a família. Em Fonz, com os seus velhos solares brasonados e as ruínas do castelo árabe de Forza, vivem nessa época a sua avó Constança, o tio, padre Teodoro, e a tia Josefa.

Contava o menino três anos quando veio ao mundo a segunda irmã, Maria Asunción. A pequenina recém-nascida (Chon, como lhe chamam familiarmente) representa para ele a mais alegre novidade. A irmãzinha encanta-o e será a sua preferida naqueles anos.

Nessa altura também começa a frequentar o jardim de infância, juntamente com a irmã mais velha, Carmen. E nesse local, dirigido pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, passará muitas horas do seu dia até os sete anos de idade. Como é natural, porém, o ambiente alegre e carinhoso do seu lar é que imprimirá nele os sentimentos mais profundos e lhe suscitará depois as recordações

mais queridas. As primeiras orações, os conselhos maternos, os breves dramas infantis, os quitutes saborosos e as histórias contadas pelas boas criadas, as visitas aborrecidas, os jogos e as brincadeiras com os seus amiguinhos, os brilhantes dias de festa... Tudo vai compondo nele o tecido normal de uma infância equilibrada.

Entretanto, quando já conta seus cinco anos, nasce outra irmãzinha, que recebe o nome da mãe: Maria de los Dolores, a Lolita.

A formação espiritual de Josemaria cresce igualmente com toda a normalidade, acompanhando o seu desenvolvimento físico e mental: as orações aprendidas dos lábios da mãe e do pai, as visitas à igreja, a assistência à Santa Missa, as perguntas e respostas em família, o exemplo vivo e constante da fé e da piedade dos seus pais, as festas religiosas (como a de Santa Ana, diante de sua casa, na praça do Mercado), o Terço diário em família ou com a bênção e a Salve-Rainha, aos sábados, na igreja de São Bartolomeu...

Desde muito cedo penetraram na sua alma o amor à Humanidade de Cristo, à Sagrada Eucaristia e à Santíssima Virgem: desde aqueles tenros anos em que lá em casa se montava o presépio e o pai saía à procura do tradicional musgo; desde aquele tempo gélido de Natal, em que a mãe o abrigava do frio com um gorro de orelheiras e luvas sem pontas para assistir às três Missas do Galo na catedral, com a sua capela de Cristo dos Milagres, onde se haviam casado os pais, e a capela da Dormição da Virgem, que ele tantas vezes contemplou, comovido...

Entre os seis e os sete anos, dona Dolores prepara-o para a primeira Confissão. E leva-o ao seu confessor habitual, o Pe. Enrique Labrador.

A São Josemaria sempre agradou recordar esse dia, marcado pela enorme alegria que sentiu e pela pitoresca penitência que lhe impôs o bom sacerdote: comer um ovo estrelado! O Pe. Enrique quisera deixar-lhe uma lembrança agradável da primeira Confissão e escolhera decerto uma iguaria que apreciava, ao que achou imensa graça dona Dolores. Ainda se fosse uma guloseima!

A alegria e o bom humor eram patrimônio familiar. Naquela casa sabia-se rir sem faltar à caridade. Realmente, se algo de particular se houvesse de distinguir no lar dos Escrivá, talvez fosse a serenidade amável dos pais, que os filhos nunca viram discutir, e uma alegria contagiosa, que atraía amizades. Josemaria, nomeadamente, herdara esse talento desde muito moço. Do que ele não gostava era de fotografias, visitas e roupas novas. Até debaixo da cama se enfiava para fugir aos olhares das amigas da mamãe. E de lá acabava sempre por ver a ponteira de uma bengala com que a mãe dava umas pancadinhas no soalho para obrigá-lo a sair do esconderijo, ao mesmo tempo que o repreendia: «Josemaria! Vergonha, só para pecar!».

Mas não era só a vergonha o que o levava a escapar das visitantes; era também a compreensível fuga aos beijos incômodos, com o respectivo roçar de lábios ou o aroma de maquiagem, como a daquela senhora tão «estucada» que dona Dolores tinha de recomendar aos filhos que não a fizessem rir... porque se «descascava» toda!

Em 1909, tendo Josemaría completado já os sete anos, nasce a quarta irmã, Rosário. Neste período sem sobressaltos é fácil de imaginar a vida da casa, cada vez mais animada pela algazarra das crianças e pelo trabalho crescente de dona Dolores e das empregadas. Em outubro desse ano Josemaria já não volta ao jardim de infância; começa a instrução primária num colégio orientado por religiosos das «escolas pias», ou «escolápios», como são conhecidos.

A partir de 1910, Deus começa a abençoar a família Escrivá com a cruz. Aos oito anos de Josemaria, terminado o primeiro ano letivo, Rosarito, a irmãzinha mais nova, apenas com um ano de idade, adoece e morre.

Foi no dia 11 de julho. Josemaria, com a mãe e as outras irmãs, acompanhou durante um breve trecho o pequeno esquife branco. Só o pai, segundo o costume, foi até o cemitério, juntamente com os amigos da família.

Em agosto, o Santo Padre Pio X promulga um documento pelo qual o Fundador do Opus Dei se considerou sempre muito

grato: o decreto *Quam singulari*, que permitia a administração da Sagrada Comunhão aos meninos desde a idade da razão. Anteriormente só era costume consentir a primeira Comunhão na adolescência avançada.

Os pais de Josemaria preparam-no cuidadosamente para o grande Sacramento durante o segundo ano escolar – de 1910 a 1911 –, assim como a irmã mais velha, Carmen, que está chegando aos doze anos. No colégio dos escolápios é o Pe. Manuel Laborda – bondoso sacerdote conhecido como Pe. Manolé – quem o ajuda a preparar-se de alma e coração para tão importante acontecimento interior.

Do Pe. Manolé aprendeu então uma fórmula de comunhão espiritual que nunca mais esqueceu e que transmitiu, depois de se ordenar, aos que se dirigiam com ele: «Eu quisera, Senhor, receber-Vos com aquela pureza, humildade e devoção com que Vos recebeu Vossa Santíssima Mãe: com o espírito e o fervor dos santos».

Fato interessante sobre a vida do Fundador é a perseverança nas suas devoções, algumas das quais, como esta, surgiram numa época da vida assaz sujeita ao esquecimento. Disso pode-se deduzir a grande consciência e a seriedade com que as viveu desde o princípio, sem que nisso interviesse qualquer pendor para a vida religiosa ou eclesiástica.

Vencido mais um ano escolar e decorrido mais um verão em Fonz, ele volta ao colégio. Chegamos a 1912. Josemaria, com dez anos, receberá a Sagrada Comunhão no dia de São Jorge, 23 de abril, como era tradicional no Alto Aragão. Nessa festa de profunda alegria para ele e para os pais, um episódio deixa claros a quase constante companhia da cruz na sua vida a partir dos oito anos e, ao mesmo tempo, um aspecto relevante do seu caráter.

O cabeleireiro que lhe frisou o cabelo na véspera (pois era de praxe cuidar assim do penteado em ocasiões festivas) tocou-lhe com as tenazes quentes no couro cabeludo. O menino cerra os dentes. Não solta um gemido. Não quer fazer sofrer o artista nem incomodar os pais. E é com o ardor da chaga, escondida entre os caracóis de festa, que recebe no dia seguinte, pela primeira vez,

Jesus Sacramentado. Parece uma antecipação do espírito que mais tarde estenderia por todo o mundo: o ascetismo sorridente; o sacrifício escondido e silencioso; o rosto alegre cobrindo a real mortificação, por amor de Deus e dos homens.

Aí se manifesta também uma elegância de caráter e uma rijeza de temperamento que não deixará de aumentar ao longo do tempo. Não se tratou, efetivamente, de um episódio isolado. Outros se vieram a conhecer, como foi, por exemplo, o da mordida de um cão. Ferido e sangrando, deseja logo correr para casa, como qualquer outra criança; mas, ao pensar na aflição que terá a mãe, resolve passar antes na casa do tio Maurício, irmão de dona Dolores, que mora numa rua próxima. Só depois se apresenta à mãe, já tratado e sorridente.

Dificuldades surgem, enquanto isso, na firma «Juncosa y Escrivá», de que é sócio o pai. Todavia, isso não se reflete diretamente no ambiente do lar. Os pais evitam perturbar Carmen e Josemaria, que já seriam capazes de se preocupar com o problema. Chon tem apenas seis anos e Lolita, cinco.

Eis, contudo, que uma dor mais aguda vem magoar a família: quase rigorosamente um ano após o falecimento de Rosarito, a 10 do mês de julho de 1912, morre Lolita.

O que terá significado para ele este segundo falecimento de uma irmã talvez seja mais fácil imaginar do que exprimir, tendo em conta a sua forte afetividade e a sua precoce inteligência, que o leva a procurar o sentido profundo dos acontecimentos. E parece perceber naqueles fatos dolorosos uma intervenção muito pessoal de Deus na sua vida. É o que revela, decerto, um gesto seu que impressionou vivamente uns meninos mais novos que ele entretinha levantando um alto castelo de cartas. De repente, com um tabefe, lança tudo ao chão! Os amiguinhos protestam. E ele explica: «Isto é o que faz Deus com as pessoas: constroem um castelo, e, quando está quase terminado, Deus deita-o abaixo».

Josemaria já é um rapaz. Acaba de completar a instrução primária e de fazer o exame de admissão ao ensino secundário no

liceu de Huesca. Ali havia sofrido o choque das conversas grosseiras dos colegas de dormitório. Atormentado por esse motivo, adormecera com o terço entre as mãos, enquanto pedia perdão a Deus pelos companheiros.

Corre o tempo, e outro ano letivo – o primeiro do ensino secundário – termina com normalidade e bom aproveitamento. Continua a frequentar o colégio dos escolápios e volta a sair de Barbastro para os exames, desta vez em Lérida. Na casa, mais vazia, sem a irrequieta animação das duas meninas falecidas, Chon, lourinha e meiga, agora com sete anos, atrai a atenção carinhosa dos dois mais velhos, Carmen e Josemaria.

As férias grandes levam-nos, como sempre, até Fonz. Ali Josemaria se entretém lendo o *Dom Quixote* em seis tomos ilustrados. Na sua família respirava-se um ambiente culto, embora sem petulâncias, com grande apreço pela literatura e pela história, e ele aproveita-o com gosto. Aos onze anos, em casa da avó Constança, já assiste com curiosidade aos interessantes serões, onde está presente um parente seu, consagrado especialista em literatura árabe: Francisco Codera y Zaidín.

O repouso do estio foi apenas um intervalo nas tribulações que atingem a família. Quando regressam a Barbastro, Chon, enlevo dos pais e dos irmãos, adoece gravemente. Passara pouco mais de um ano desde o funeral da Lolita... Josemaria não sossega. Pergunta repetidamente à mãe como está a irmãzinha. Mesmo no meio das brincadeiras com os outros rapazes, na praça, corre muitas vezes a casa para saber se melhora. Da última vez já não precisa perguntar; é a própria mãe que se adianta: «A Chon está muito bem... Foi para o Céu».

Com esta grande mágoa começa o ano letivo de 1913-14, que será particularmente dramático para os pais, com a falência da firma «Juncosa y Escrivá», e trágico para a Europa, com o deflagrar da Grande Guerra. Além disso, a morte das três irmãs em anos sucessivos leva-o a pensar que se aproxima a sua vez. E só deixa de confiar o seu presságio a dona Dolores quando repara que a faz

sofrer, mesmo quando ela o sossega: «Não te preocupes, porque tu estás oferecido à Virgem».

De qualquer modo, a dor não o impede de estudar com bom rendimento, obtendo as melhores classificações entre os seus colegas do segundo ano liceal.

A falência da firma «Juncosa y Escrivá», que não se deveu senão ao duro jogo da concorrência comercial, representa uma quebra econômica muito séria para a família. Tanto mais que Dom José não se limita a satisfazer as suas obrigações legais de devedor, mas procura ressarcir o melhor possível os credores da firma – atitude generosa e nobre, que não agradou ao irmão de dona Dolores, o cônego Carlos, preocupado com a situação cada vez mais difícil da irmã e dos sobrinhos.

As novas circunstâncias obrigam, de fato, a reduzir drasticamente as despesas domésticas e a dispensar o serviço de um criado e duas empregadas, uma das quais – a que tratava das meninas – deixara naturalmente de ter ocupação. Dom José envelhece dia após dia no angustioso esforço de juntar todos os seus recursos para enfrentar a situação com a máxima dignidade e o maior escrúpulo. E nos princípios de 1915 dirige-se a Logroño para trabalhar numa empresa do mesmo ramo da sua antiga firma e procurar domicílio onde instalar a família.

Apesar da serenidade heroica dos pais, Josemaria sente amargamente o embate da adversidade. Tem treze anos. É um moço inteligente e desenvolto, despertando para os ideais próprios da juventude... e encontra-se, de repente, perante um estreitamento do caminho. No verão de 1915, que volta a passar em Fonz, já sofreu as zombarias mordazes de alguns colegas acerca da decadência econômica da família e prepara-se para trocar a sua cidade por outra onde não conhece ninguém. Mais do que os professores e os livros, a vida vai lhe ensinando muito...

Pela graça de Deus e pelo exemplo dos pais, aquelas contradições não marcarão, porém, a sua personalidade com nenhum laivo de azedume, embora tenha sentido algumas vezes certa revolta e

vergonha, como ele recordava muitos anos mais tarde: «Sentia-me humilhado!...». Mas da humilhação vai extraindo fortaleza, interioridade, mais intimidade com Deus, mais amor à família, mais sentido de responsabilidade, bem como o difícil desprendimento de coisas e pessoas. E consegue manter a sua jovialidade, o riso comunicativo, o excelente humor.

Em setembro despede-se da terra natal e entra numa cidade maior e estranha. Deixa a grande casa da Calle Mayor, em Barbastro, e sobe ao último andar de um prédio modesto de Logroño. Abandona o colégio que frequentara desde os sete anos e matricula-se – como aluno não oficial, por dificuldades burocráticas – num liceu do Estado, o Instituto General y Técnico, enquanto Carmen se inscreve na Escola Normal.

Dom José trabalha agora no maior estabelecimento de fazendas de Logroño, «La Gran Ciudad de Londres», onde atende os clientes ao balcão. Dona Dolores procura manter um ambiente cuidado e elegante na nova casa, tirando o máximo proveito dos poucos meios de que dispõe, com a ajuda eficiente da filha, que conta com dezesseis anos. Fisicamente parecida com o irmão, Carmen é uma jovem distinta e simpática. Embora um pouco menos comunicativa e brilhante do que Josemaria, é fácil ter-lhe amizade e confiar nela. No seu sorriso divertido transparece um grande coração e uma precoce maturidade, provocada pelos duros tempos de Barbastro.

A vida de família não sofreu qualquer mudança substancial. Tornou-se talvez mais íntima, por força das circunstâncias e do propositado empenho dos quatro. Mas esteve aberta às amizades, como anteriormente. Dom José começa a contar com um bom grupo de amigos, e com eles se reúne quase todos os dias depois de sair do emprego. Costumam encontrar-se em casa de um deles, dono de uma encadernação. É mais que provável que boa parte das conversas incidisse sobre o desenrolar da guerra europeia e a revolução irlandesa, e, mais adiante, sobre as lutas políticas internas e a guerra do Norte de África.